

“Gestão de água em plantio direto: um caso prático de produtor rural”

Eng° Agr° Edi Verner Jann - produtor rural em Santo Augusto verner.jann@gmail.com

A dinâmica da água na agricultura é o elemento determinante de bons ou maus resultados na atividade. Conservar a água no perfil do solo, disponível às plantas, em períodos prolongados sem precipitação, tem sido uma busca constante desde os tempos mais remotos em que se trabalha com plantas cultivadas.

Independente do manejo empregado na atividade produtiva, seja convencional, cultivo mínimo ou plantio direto, quanto mais húmus tiver, maior será a eficácia produtiva.

O grande desafio está em incrementar esta energia ao solo, para enriquecer a microbiologia, recuperar a biodiversidade, sem abrir mão da produção que sustenta nossa atividade.

Contribuindo com esta conjuntura, temos trabalhado com plantio direto, desde os anos 90, e estamos conseguindo incrementar a matéria orgânica do solo em que labutamos até níveis superiores a 5%, em parte da área, o que é um marco desejado por todos.

Nosso diferencial tem sido aproveitar os intervalos pós safra de verão, fazendo investimentos nas culturas ditas “de cobertura”, especificamente produzindo “palha para a terra comer”.

Utilizamos a sobresemadura de gramíneas, principalmente sorgo forrageiro e capim sudão, grandes produtoras de massa, para agregar grandes volumes de material orgânico à superfície do solo, evitando o principal elemento destrutivo da natureza que é o impacto direto da gota de chuva no solo desnudo.

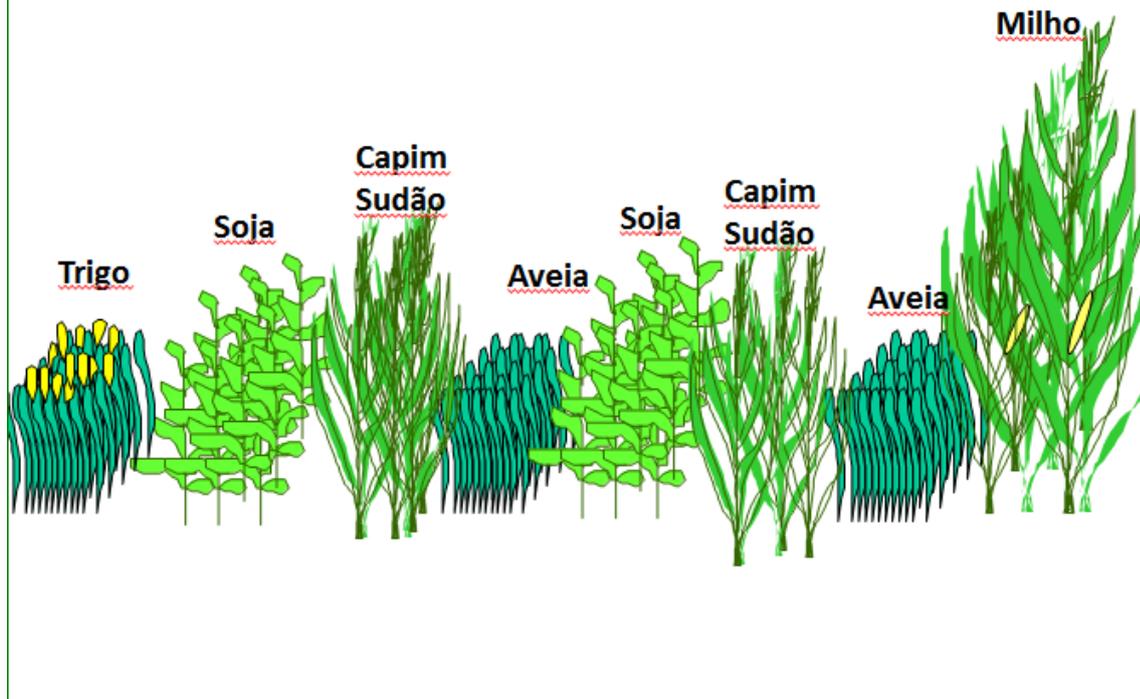


A grande vantagem desta operação é que ganhamos praticamente trinta dias de sol em dias ainda longos de outono, pois quando colhemos a soja, a nova cultura já está implantada, pronta para absorver a energia do sol e massa, isto sem entrar no mérito do sequestro de carbono .

O capim sudão produziu 4,8 ton/ha de massa seca e com a implantação da aveia sobre o sudão estimo que seja capaz de produzir mais 4 ton de massa seca. Então, somando-se aos resíduos da palha da soja (3 ton/ha), estou produzindo aproximadamente 12 ton/ha/ano de resíduos culturais (raízes+parte aérea das plantas), preconizados pela pesquisa.

Se para muitos agricultores ainda é difícil investir na chamada cobertura de inverno com adubo, para depois dessecar e usar como proteção ao solo até o fechamento da entre linha do solo, imagina nossa proposição de fazer duas culturas intercalares, nos meses de outono e inverno. Trata-se de um desafio enorme e num custo elevado, porém, extremamente responsivo nas áreas em que foi feito. “ Para colher melhor, precisamos primeiro investir mais”.

Sugestão de sucessão de culturas em 3 anos



De outra parte, o grande volume de raízes que são produzidos por estas plantas, estruturam o solo com tamanha eficácia que, ao arrancar uma planta, grande volume de solo fica aderido, o que mostra a enorme capacidade estrutural que apresentam. A ao abrir trincheira, pode-se observar o desenvolvimento do sistema radicular do capim sudão, capaz de romper a camada adensado do solo e a palhada servir de alimento aos micro e macro organismos do organismos do solo.



Nos dois últimos anos, estas gramíneas completaram o ciclo, produzindo sementes em quantidades abundantes, aproveitáveis nas safras seguintes, uma vez que as temperaturas não atingiram níveis muito baixos, com formação de geadas precoces. Caso isto venha a ocorrer, nosso planejamento consiste em semear aveia em cima destas gramas afetadas pela geadas, para aproveitar toda a insolação possível, até a implantação da nova cultura de verão, **pois quanto mais palha melhor.**

Após alguns anos com este manejo severo de inclusão de maciças quantidades de material ao orgânico ao solo, nos valem de culturas com raízes pivotantes, tipo crotalaria e nabo forrageiro, para perfurar o solo, visando a subsolagem cultural. Com isto, as raízes das plantas podem atingir camadas mais profundas, além de favorecer a percolação de nutrientes e corretivos, com o que nossas plantas poderão explorar maiores profundidades no perfil.

Com o incremento substancial em matéria orgânica, nossos solos absorvem muito melhor a água da chuva, fazendo uma poupança para períodos de seca. Outra grande contribuição está na melhor conservação das estradas rurais, que atualmente estão servindo de corredores de água para o excesso que sai das lavouras, verdadeiros corredores de exportação, quando o correto é elevar os níveis das estradas para que a água, ao invés de sair das lavouras, nelas adentre, armazenando-a.

O desafio é enorme, principalmente com investimentos em sementes, fertilizantes e corretivos, sem visar o retorno imediato. Mas temos convicção que, no médio prazo, estaremos mais bem preparados para sobreviver aos percalços que advirão, além de proporcionar um **ambiente de produção sustentável.**